

Carta do Editor

Poucas áreas da medicina, em geral, e da cardiologia, em particular, têm sido tão pródigas em contribuições científicas revolucionárias quanto a hipertensão arterial sistêmica. Pela importância clínica que representa, como fator de risco isolado e/ou como agravante, se associada a outros fatores determinantes de maior probabilidade de doenças cardiovasculares, a hipertensão arterial tem sido motivo de grandes estudos desde o tratamento anti-hipertensivo medicamentoso até a pesquisa básica à busca de esclarecimentos e melhor compreensão de mecanismos etiopatogênicos e fisiopatológicos.

Há aproximadamente cinco décadas, restavam ainda dúvidas sobre a efetiva redução da pressão como procedimento apropriado para minorar morbidade e mortalidade cardiovasculares, por exemplo.

Conhecimentos como hipertensão e normotensão do avental branco, com todas as repercussões clínicas deles decorrentes, foram incorporados há não mais que uma década e meia.

Até bem pouco, ensinava-se nas faculdades de medicina que o grande marcador de risco da hipertensão arterial era a pressão arterial diastólica, apesar de conhecimento ao contrário ter sido estabelecido já na década de 1970, pelas publicações de Kannel, oriundas de estudos epidemiológicos da comunidade de Framingham.

Há poucos dias, conclusões de estudos dessa mesma localidade americana, publicadas no conceituado periódico *Circulation*, vieram corroborar o papel da pressão arterial sistólica e da pressão de pulso como marcadores de risco especialmente nos indivíduos com idade superior a 59 anos.

Intervenções medicamentosas particularizadas e propostas terapêuticas com objetivos específicos, a favor de melhor prognóstico, foram estabelecidas com base em estudos populacionais randomizados e com delineamento apropriado para conclusões aplicáveis a populações distintas, nos últimos tempos. Assim, diabéticos e nefropatas também hipertensos podem hoje ter melhor prognóstico em decorrência de conhecimentos de fisiopatologia e terapêutica particulares para essas condições específicas.

Mais ainda, há fortes evidências de que em breve o arsenal terapêutico medicamentoso será enriquecido com novos medicamentos que, com características peculiares de ação, trarão oportunidades de intervenções ainda não disponíveis no momento, como, por exemplo, redução da pressão de pulso.

Boa parte dessa história da hipertensão está privilegiada nessa edição da *Revista Brasileira de Hipertensão* que, entre outros assuntos, trata do papel dos grandes estudos no manuseio da hipertensão arterial.

Fernando Nobre
Editor

